

A violência nas escolas

Josaphat Marinho

A violência de adultos, de diferentes classes sociais, é problema nacional, há largo tempo. Sobre tudo nas grandes cidades e nos fins de semana, multiplicam-se os homicídios, muitos sem esclarecimentos. Se o mal tem sido intenso em São Paulo, alcança capitais do Nordeste, inclusive Salvador. As medidas policiais, notadamente as de emergência, ou de repressão, se repetem no noticiário dos meios de comunicação. Conjuntamente, sabe-se de assassínatos bárbaros ou originários de motivos fúteis.

Extremamente grave é o número crescente de violência, de vários tipos, nas escolas brasileiras de todos os graus. Não se imagina qual a situação pior: se o desatino nos estabelecimentos de ensino fundamental, ou o apurado nas instituições de nível médio e superior. Torna-se alarmante a presença de crianças portando armas, no meio estudantil. Raro já não é a menina armada, ameaçando colegas. Diz-se que nos estudantes dessa idade pode ocor-

rer, em alguns casos, falta de discernimento, ou facilidade das famílias. Alunos de círculos desenvolvidos, porém, e vivendo em contato com a civilização, não têm justificativa para desconhecer os riscos do procedimento dessa índole.

Para estudantes de nível médio e superior, notadamente, a conduta criminosa assume aspectos de profunda ameaça à paz social. Cuida de pessoas já situadas entre eleitores e com a idade de 18 anos, a que diversas legislações conferem a maioria civil. Participam do convívio, que ensina o entendimento e a tolerância. Demais, são jovens, em boa parcela, que vivem sem grandes preocupações e podiam aproveitar essa fase da existência para dar expansão aos atos de alegria e cordialidade. Desviam-se, entretanto, para as manifestações de barbárie.

Não se há de pensar, com simplicidade, que a origem dessas deformações reside apenas na família ou em inclinações personalíssimas. Tais fatores influem, decerto. Não

são, porém, únicos, nem generalizáveis. Filhos de famílias bem organizadas e vigilantes começam a aparecer envolvidos em situações embaraçosas de violência contra a pessoa ou do uso de drogas. A morte estranhável do acadêmico paulista, durante festa universitária recente, abrange estudantes de categorias sociais e econômicas diversas. O fenômeno preocupante se estende, com oscilações naturais, a toda a sociedade. Já se noticiou que em Belo Horizonte foi criada uma delegacia especializada para tratar do fenômeno da violência nas escolas.

O problema, entretanto, ao que parece, não requer somente providências policiais, repressivas e preventivas. Requer um inquérito social para a pesquisa das causas profundas desses desvios de comportamento. Cabe apurar os reflexos das condições diferenciadas de riqueza e de pobreza. Como influi a sensação de poder e em que medida opera a inferioridade econômica, ou seja, o impulso de poder ou a desilusão da fraqueza.

Também é preciso dar dimensão nacional à verificação do fenômeno. As caustelas regionais ou locais são úteis, porém não bastam para pesquisar e interpretar o fato de alcance geral no país. É indispensável a coordenação de esforços, suscetível de considerar o fenômeno em sua diversidade regional ou à luz das peculiaridades culturais. Conhecendo as constantes e as variáveis do problema na diversidade do país, é que o governo federal poderá coordenar com os governos estaduais e a sociedade soluções adequadas e urgentes. Como essas soluções, de caráter pedagógico, de sentido social, corretivas de desequilíbrios econômicos, não têm efeitos instantâneos, por isso mesmo não devem tardar. Os males sociais se expandem com velocidade que exige a presteza da prudência.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia